

# CINEMA SOB O CALOR

Texto **ERON REZENDE**  
eronrezende@gmail.com  
Foto **FERNANDO VIVAS**  
vivasf@gmail.com



Diretor do curta-metragem *O fim do homem cordial*, que completa dez anos em 2014, o cineasta baiano Daniel Lisboa prepara-se para seu primeiro longa, no qual Salvador é a protagonista

Cai uma tempestade numa tarde de dezembro. Minutos depois, o buzinaço revela semáforos desregulados e o caos no trânsito do Rio Vermelho, onde trabalha o cineasta Daniel Lisboa. “Mesmo com a água, o calor não desgruda”, diz ele, ao subir a escada da produtora Truque. É a sensação permanente de calor – ou a onipresença do sol – a base para *Tropykaos*, o primeiro longa-metragem de Daniel, em fase de filmagem. Dez anos depois de lançar-se com o curta *O fim do homem cordial*, em que simulou o sequestro do então senador Antonio Carlos Magalhães, ele agora aborda o que chama de “ultraviolência solar”. “É um filme que veio com minha hipersensibilidade ao sol, a esse calor agonizante que vai te sufocando e para o qual não há remédio: ou você tem corpo para uma cidade solar ou viverá a agonia”.

A agonia em questão é transferida para o poeta Guima, protagonista do filme que não se encaixa no espaço. Para o deslocamento com a família abastada, muda-se para o centro de Salvador. Para o deslocamento em relação ao calor, transforma-se num soturno em dias de céu de brigadeiro.

Mas, afinal, porque simplesmente Guima não deixa a cidade? “Porque sempre há um efeito de areia movediça no lugar em que nascemos”, responde Daniel, nascido e criado em Salvador, e que nunca morou em outro lugar. “Guima percebe que não tem corpo

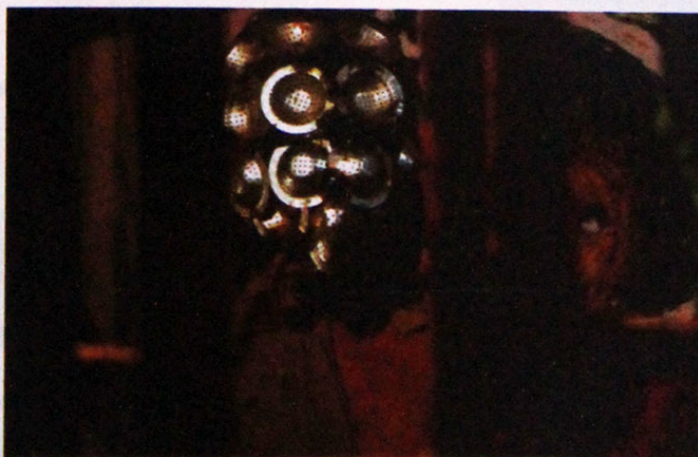
para Salvador. É a temática de estranhamento que tanto me atrai”.

Diretor afeito a “estranhos” – Jamie Figura e padre Pinto –, Daniel estranha-se hoje com a política dos editais. Num determinado momento de *Tropykaos*, Guima vai até a Secretaria de Cultura. Quer a segunda parcela do edital que ganhou para escrever um livro, mas não consegue, já que não prestou contas da primeira. A burocracia que envolve o processo é a mesma experimentada por *Tropykaos*, contemplado com edital em 2012, mas só agora em ação. Na fala de Daniel, a política ganha ainda outro complemento para o que ele caracteriza como um descompasso do cinema baiano em relação a outros estados.

“Na Bahia, havia uma ideia que, para fazer longa, você tinha que ter muita grana. Colocaram o longa num lugar sagrado. Isso começou a perder sentido. Tem longa que pode ser feito como se faz curta”.

Previsto para o verão de 2015, *Tropykaos* é, para Daniel, o lugar em que ele jamais esteve. Menos pela estreia no formato e mais pela disposição na construção da história. “Nunca passei tanto tempo aparando um trabalho”, diz. “Esse filme será uma forma de minimizar minha ferida com o sol de Salvador”. «

**Lisboa: histórias sobre Jaime Figura, no documentário *O Sarcófago*; e sobre a política baiana, em *O fim do homem cordial***



FOTOS DIVULGAÇÃO